



X Encontro Nacional das Licenciaturas  
IX Seminário Nacional do PIBID

## EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS SENSÍVEIS E CRÍTICAS

Vitória Maria Bueno Silva <sup>1</sup>  
Maria Cristina Borges Da Silva <sup>2</sup>

### RESUMO

O relato de experiência descreve e analisa duas experiências pedagógicas articuladas por fundamentos teóricos comuns, realizadas no processo de formação em Pedagogia, em contextos distintos: uma intervenção em educação formal, desenvolvida com uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental em escola pública, e uma vivência em educação não formal, conduzida com colaboradores de uma empresa. Ambas tiveram como disparador sensível o livro *Da Minha Janela*, de Otávio Júnior, e buscaram promover reflexão sobre identidade, pertencimento, diversidade cultural e relação com o território. Na escola, a sequência didática integrou leitura literária, formação de palavras, análise de imagens, produção artística em aquarela e escrita coletiva e individual, alinhando-se à Base Nacional Comum Curricular e à Educação das Relações Étnico-Raciais. No ambiente empresarial, a vivência incluiu mapeamento prévio de percepções territoriais, roda de conversa mediada por conceitos geográficos (lugar, território, paisagem, globalização, e desinformação) e representação artística das paisagens significativas para os participantes. Em ambos os contextos, adotou-se abordagem dialógica e participativa, inspirada em Paulo Freire e no Método Explicativo Totalidade-Mundo, de Straforini. Os resultados evidenciam o potencial de teorias, da arte e da leitura como recursos para fortalecer vínculos, valorizar memórias e promover consciência crítica. As atividades favoreceram a expressão de saberes e experiências pessoais, possibilitando conexões entre o local e o global. As diferenças observadas referem-se principalmente à faixa etária, à necessidade de mediações específicas e às dinâmicas próprias de cada espaço. Conclui-se que metodologias que partem da realidade vivida e integram múltiplas linguagens têm aplicabilidade em diversos ambientes formativos, ampliando repertórios pedagógicos e contribuindo tanto para a formação de educandos, como para a formação docente crítica e sensível.

**Palavras-chave:** Formação, Docência, Experiências Sensíveis, Prática Pedagógica, Pertencimento.

### INTRODUÇÃO

A formação inicial docente representa um momento decisivo na constituição da identidade e da consciência profissional de quem escolhe o magistério como caminho. Esse processo envolve muito mais do que a apropriação de conteúdos ou metodologias: implica

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná- UFPR, [vitoriaabueno@ufpr.br](mailto:vitoriaabueno@ufpr.br);

<sup>2</sup> Doutora em Geografia - UFPR [mariacrisbs@gmail.com](mailto:mariacrisbs@gmail.com)



compreender a docência como prática ética, política e socialmente comprometida com a transformação da realidade. A iniciação à docência — vivenciada nos estágios, nas práticas pedagógicas e nas experiências extensionistas — configura-se como espaço privilegiado de articulação entre teoria e prática, no qual se desenvolvem sensibilidade, criticidade e compromisso com a humanização.

Inspirada na perspectiva da educação libertadora, proposta por Paulo Freire (2024), esta compreensão de formação valoriza o diálogo, a escuta e o reconhecimento dos sujeitos e de seus contextos. Freire destaca que ensinar é um ato de criação e de libertação, e não de transmissão; por isso, a prática pedagógica deve emergir da leitura crítica do mundo, permitindo que educadoras e educadores se reconheçam como sujeitos históricos e políticos. Assim, a formação inicial não se limita à aquisição de competências técnicas, mas busca desenvolver a autonomia e o compromisso ético de quem ensina e aprende em comunhão.

Essa compreensão amplia-se quando se reconhece que o processo formativo acontece em diferentes espaços e tempos educativos. Conforme Gohn (2006), a educação formal e a educação não formal se complementam na constituição de saberes e valores, articulando aprendizagens que ocorrem tanto nas instituições escolares quanto nos espaços coletivos, comunitários e profissionais. Tal perspectiva contribui para compreender a docência como prática social ampla, que ultrapassa os limites da sala de aula e se enraíza nas experiências humanas e culturais.

As políticas educacionais brasileiras — como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (Resolução CNE/CP nº 2/2015) e a Lei nº 10.639/2003 — reforçam a importância de práticas pedagógicas contextualizadas, críticas e inclusivas, que valorizem a diversidade étnico-racial, cultural e social. Essas diretrizes apontam para uma formação docente comprometida com a equidade e com a superação de perspectivas bancárias e tecnicistas da educação, aproximando-se de uma concepção freireana e emancipatória.

É nesse contexto que se insere o presente relato, resultante de duas práticas pedagógicas desenvolvidas no curso de Pedagogia: uma intervenção em educação formal, durante o estágio supervisionado em uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental, e uma vivência em educação



não formal, conduzida na disciplina Metodologia do Ensino de Geografia, junto a pessoas colaboradoras de uma empresa. Ambas tiveram como disparador sensível o livro *Da Minha Janela*, de Otávio Júnior, e buscaram promover reflexões sobre identidade, pertencimento, diversidade cultural e relação com o território, articulando arte, leitura e diálogo como caminhos para a formação crítica.

Dessa forma, o trabalho tem como objetivo geral analisar como práticas pedagógicas sensíveis e críticas, fundamentadas na educação libertadora e na abordagem dialógica, contribuem para a formação inicial docente, favorecendo o desenvolvimento de repertórios metodológicos e de uma consciência reflexiva e emancipatória. Os objetivos específicos são: (a) relatar as práticas realizadas em contextos distintos, articuladas por fundamentos teóricos comuns; (b) identificar aproximações e diferenças entre as experiências de educação formal e não formal; (c) refletir sobre as aprendizagens docentes decorrentes dessas vivências; e (d) relacionar os resultados às políticas educacionais vigentes e ao ideal de formação humana integral e transformadora.

## METODOLOGIA

O presente relato de experiência constitui uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza descritivo-reflexiva, fundamentada na compreensão da prática educativa como ato político, ético e transformador. As experiências analisadas foram desenvolvidas no âmbito da formação inicial em Pedagogia, em dois contextos distintos: um de educação formal, realizado em uma escola pública municipal, e outro de educação não formal, conduzido em uma empresa do setor de serviços. Ambas as vivências buscaram articular teoria e prática na construção de uma docência crítica e sensível, inspirada nos princípios da educação libertadora (Freire, 2024) e no Método Explicativo Totalidade-Mundo (Straforini, 2018), que propõe a leitura crítica do território como via para compreender as relações entre o local e o global.

As experiências foram desenvolvidas em contextos distintos, o que permitiu observar as especificidades e complementaridades entre a educação formal e a não formal. Conforme



Gohn (2006), a educação formal ocorre em instituições regulamentadas e orientadas por currículos oficiais, enquanto a educação não formal se constitui em espaços flexíveis, coletivos e

intencionais, nos quais a aprendizagem emerge das práticas sociais e das experiências de vida. Essa distinção não implica oposição, mas articulação entre diferentes modos de formar e aprender, ambos comprometidos com a emancipação dos sujeitos e com a construção de uma cidadania crítica.

A investigação foi conduzida sob uma perspectiva dialógica e participativa, reconhecendo a posição da estagiária como sujeito em formação, situada entre os papéis de aprendiz e de mediadora. Essa condição singular possibilitou vivenciar e refletir sobre o processo educativo de forma integrada, sem o distanciamento característico de uma pesquisadora externa — que observa o contexto sem dele participar — nem a autoridade própria da docente titular. Essa posição intermediária favoreceu uma compreensão sensível das práticas pedagógicas e dos modos como o diálogo e a escuta se concretizam na ação educativa.

Na escola, o trabalho integrou o projeto de intervenção “Da minha janela eu vejo...: leitura literária, expressão artística e escuta sensível com base na diversidade”, realizado com uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental, no Centro de Educação Integral Professor Ulisses Falcão Vieira, localizado no bairro Cidade Industrial de Curitiba (CIC). A turma era composta por estudantes com diferentes níveis de alfabetização e incluía crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Altas Habilidades, o que exigiu mediações diferenciadas e estratégias diversificadas. As atividades foram desenvolvidas com o apoio integral da professora regente, que acompanhou todo o processo de planejamento, regência e avaliação.

Desde o primeiro encontro, o livro Da Minha Janela, de Otávio Júnior, serviu como disparador sensível para a sequência de atividades, promovendo o diálogo sobre o olhar, o território e as diferentes realidades das infâncias. O planejamento foi organizado em três etapas principais, descritas no relatório de estágio:



1. Leitura e formação de palavras com separação silábica, a partir de vocabulário elaborado coletivamente a partir do livro;
  2. Expressão artística em aquarela, inspirada nas janelas, nas paisagens e nas memórias afetivas trazidas pela obra, permitindo aos estudantes representar o que viam “de suas janelas”;
- 
3. Produção de texto individual e coletivo, momento de síntese e criação literária, no qual o grupo elaborou uma narrativa baseada nas imagens e palavras produzidas.

As produções resultantes dessas etapas expressaram percepções singulares sobre o cotidiano, sentimentos e o olhar das crianças para o mundo que as cerca. As atividades foram registradas no diário de campo e analisadas com base em uma perspectiva ética e reflexiva, respeitando a autoria e a sensibilidade das crianças envolvidas.

Na experiência de educação não formal, as atividades compuseram o projeto “Uma vivência Entre Lugares – o território que nos forma e transforma”, desenvolvido na disciplina Metodologia do Ensino de Geografia com colaboradoras e colaboradores de uma empresa. Assim como na escola, o ponto de partida foi o livro Da Minha Janela, utilizado para despertar o olhar sensível sobre o território e as experiências cotidianas. A proposta foi estruturada em três etapas: mapeamento das percepções territoriais das pessoas participantes; roda de conversa dialógica, mediada pelos conceitos geográficos de lugar, território, paisagem, globalização e desinformação; e expressão artística das paisagens significativas, utilizando aquarela e outras técnicas livres de pintura.

As produções visuais trouxeram elementos como janelas, varais com roupas, ruas vistas das casas, árvores específicas do bairro, prédios e detalhes do cotidiano. Essas representações evidenciam que o espaço e o território não são neutros ou apenas concretos, mas carregados de histórias, significados, afetos, memórias e experiências compartilhadas. Tais produções revelam como a arte pode atuar como mediadora da leitura de mundo, possibilitando que as pessoas participantes expressem suas percepções sobre o lugar que habitam e sobre o modo como se relacionam com ele.



A coleta de informações foi realizada a partir de observações participantes, anotações em diário de campo e registros fotográficos. O diário de campo constituiu-se em ferramenta central para a reflexão crítica sobre as experiências vividas, permitindo relacionar teoria, prática e afetividade. As anotações e observações interpretativas foram posteriormente sistematizadas, possibilitando analisar os sentidos e aprendizagens emergentes de cada contexto. Ambas as experiências foram analisadas à luz de referenciais que concebem a educação como prática emancipatória, compreendendo que o ato de ensinar é também um ato de conhecer o mundo e

de transformá-lo. Desse modo, a metodologia adotada não se limitou à descrição das práticas, mas buscou interpretar os processos formativos vivenciados, destacando as aprendizagens docentes, as interações e os diálogos produzidos nos diferentes espaços educativos.

## REFERENCIAL TEÓRICO

O presente trabalho fundamenta-se em concepções de educação que compreendem o ato de ensinar como uma prática libertadora, ética e transformadora. A perspectiva adotada tem como referência principal os pressupostos de Paulo Freire (2024), para quem a educação deve possibilitar a leitura crítica do mundo, o diálogo e o reconhecimento dos sujeitos como protagonistas de sua própria história. Nessa concepção, a prática docente ultrapassa a mera transmissão de conteúdos e se constitui como ato político e estético, capaz de despertar a consciência crítica e promover a emancipação humana.

A formação docente, nesse sentido, é entendida como um processo contínuo e reflexivo, em que o futuro educador e a futura educadora aprendem com a realidade, interpretando-a e transformando-a. Essa visão dialoga com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BRASIL, 2015), que enfatizam a articulação entre teoria e prática, e com a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), que propõe o desenvolvimento de competências voltadas à autonomia, à empatia e ao pensamento crítico.

A pesquisa também se ancora nas contribuições de Straforini (2018), com o Método Explicativo Totalidade-Mundo, que propõe compreender o espaço e o território a partir das



relações entre o local e o global. Tal abordagem contribui para a leitura do mundo e para a valorização das experiências cotidianas, aproximando os conceitos geográficos da vivência concreta das pessoas. Essa perspectiva orientou tanto a prática em educação formal quanto a experiência em educação não formal, permitindo articular o conhecimento científico à realidade dos sujeitos envolvidos. Além disso, o trabalho dialoga com a Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana, reforçando a importância da Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) como princípio pedagógico e ético. Essa

legislação contribui para a construção de práticas educativas pautadas no respeito à diversidade e na valorização das identidades culturais — princípios que permeiam as experiências relatadas.

O estudo também dialoga com as contribuições de Maria da Glória Gohn (2006), que comprehende a educação formal e a não formal como dimensões complementares do processo educativo. A autora enfatiza que a aprendizagem ocorre em diferentes espaços sociais, nos quais se produzem saberes a partir da experiência e da convivência. Essa perspectiva amplia a noção de formação docente, ao reconhecer o potencial educativo dos espaços não escolares e sua contribuição para o desenvolvimento crítico e sensível de educadoras e educadores.

Dessa forma, o referencial teórico deste estudo articula os fundamentos da educação libertadora, da formação docente crítica e da geografia humanista, oferecendo base conceitual para compreender a docência como processo de escuta sensível, de diálogo e de transformação social.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As experiências analisadas evidenciam a potência das práticas pedagógicas sensíveis e dialógicas na formação inicial docente, reafirmando que a docência se constrói no encontro com o outro e na reflexão sobre as diversas realidades. A atuação nos dois contextos — escolar e empresarial — revelou que a leitura literária, a arte, a geografia e o diálogo são



caminhos eficazes para promover o reconhecimento de identidades, o sentimento de pertencimento e a construção coletiva do conhecimento.

Essas experiências também permitiram observar as especificidades e complementaridades entre a educação formal e a não formal. Conforme Gohn (2006), a educação formal está vinculada às instituições e currículos sistematizados, enquanto a educação não formal se constitui em espaços flexíveis e intencionais, nos quais a aprendizagem emerge da experiência, da convivência e da prática social. Essa distinção não representa oposição, mas a coexistência de diferentes dimensões formativas que, ao se articularem, ampliam o alcance da formação humana e docente.

No projeto “Da minha janela eu vejo...”, desenvolvido na escola pública, os resultados demonstraram o impacto formativo de uma proposta que articula leitura literária, alfabetização

e expressão artística. O livro *Da Minha Janela*, de Otávio Júnior, mobilizou as crianças a olharem para o mundo a partir de suas próprias realidades, despertando o interesse pela leitura e pela escrita de forma significativa. As produções em aquarela possibilitaram a manifestação de percepções e afetos, traduzindo em cores e formas o olhar de cada criança sobre seu território, sua comunidade e suas experiências cotidianas.

Durante a sequência didática, observou-se o envolvimento progressivo das crianças com as atividades e o fortalecimento da autonomia na expressão oral e escrita. A construção coletiva de palavras, a formação silábica e o texto final revelaram avanços na apropriação do sistema de escrita, mas, sobretudo, evidenciaram a ampliação da escuta e da empatia entre as crianças. As trocas mediadas pela professora regente e pela estagiária permitiram que as produções individuais se transformassem em criações coletivas, ressignificando a prática pedagógica como espaço de diálogo e partilha.

Esses resultados confirmam a educação como prática da liberdade, em que o ato de ensinar é inseparável do ato de aprender e de se reconhecer no mundo. A formação inicial, nesse contexto, mostra-se como um processo de conscientização, no qual a estagiária não apenas aplica metodologias, mas vivencia e reflete sobre as dimensões humanas, éticas e políticas da educação. O apoio da professora regente foi determinante para a construção de



um ambiente de confiança e corresponsabilidade, favorecendo a experimentação e o diálogo entre teoria e prática.

No projeto “Vivência Entre Lugares — o território que nos forma e transforma”, realizado em ambiente empresarial, os resultados revelaram o potencial da educação não formal para promover aprendizagens significativas também entre adultos. O ponto de partida, e, despertando memórias afetivas e interpretações críticas sobre os espaços de vida e de trabalho. A roda de conversa, mediada pelos conceitos geográficos de lugar, território, paisagem, globalização e desinformação, possibilitou o compartilhamento de experiências e o reconhecimento da diversidade de trajetórias presentes no grupo, e demonstrou que conhecimentos produzidos pelas diversas áreas do conhecimento, podem desvelar situações concretas e contribuir com o combate a desinformação, preconceitos, e instigar a refletir sobre o mundo e suas diferenças.

A etapa de expressão artística, realizada por meio da técnica de aquarela, permitiu traduzir essas reflexões em imagens e cores. Uma das produções, que representava um varal repleto de roupas coloridas, destacou-se por simbolizar a multiplicidade de vidas e histórias que compõem o território vivido, tornando-se uma metáfora da coletividade. Essa produção, assim como as demais, revelou o potencial da arte como instrumento de leitura do mundo e de valorização da experiência humana — um princípio essencial tanto para a formação de estudantes quanto para a formação docente.

Em ambos os contextos, a abordagem freireana mostrou-se essencial para a mediação e para a construção do sentido educativo das ações. O diálogo foi o eixo estruturante das práticas, sustentando um movimento de escuta e de criação coletiva. As diferenças entre os públicos — crianças e adultos — exigiram estratégias distintas, mas, em ambos os casos, a escuta sensível e o reconhecimento dos saberes prévios possibilitaram o envolvimento e a reflexão crítica.

A partir dos registros em diário de campo, foi possível identificar que o exercício da docência, mesmo em processo de formação, constitui-se como prática reflexiva e ética. A estagiária pôde perceber-se como sujeito de transformação, capaz de aprender com os participantes e com a professora regente, reafirmando o princípio freireano de que “Ninguém



educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” (FREIRE, 2024, p. 95).

Essas vivências reafirmam, portanto, que a formação docente inicial precisa ultrapassar a dimensão técnica e instrumental para constituir-se como formação humana, crítica e emancipatória. O diálogo entre educação formal e não formal amplia o repertório pedagógico da futura docente, favorecendo o desenvolvimento de uma prática sensível à diversidade e comprometida com a construção de uma sociedade mais justa e plural.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências relatadas neste trabalho reafirmam que a formação inicial docente é um processo complexo, que se constrói no entrelaçamento entre teoria e prática, afetividade e reflexão, sensibilidade e criticidade. As ações desenvolvidas na escola e na empresa revelaram o potencial de metodologias que partem da realidade vivida, que valorizam o diálogo e que

integram a arte, a leitura e a expressão como dimensões fundamentais da aprendizagem e da formação humana.

O projeto de intervenção “Da minha janela eu vejo...”, desenvolvido em contexto escolar, evidenciou a força da literatura como mediadora da escuta sensível e da construção de vínculos, contribuindo para o desenvolvimento da leitura e da escrita de maneira significativa. Já o projeto “Uma vivência Entre Lugares – o território que nos forma e transforma”, realizado em ambiente empresarial, mostrou que a educação não formal também pode ser espaço de reflexão crítica e de ressignificação das experiências cotidianas. Em ambos os contextos, o livro Da Minha Janela, de Otávio Júnior, atuou como disparador sensível, inspirando o olhar sobre o território e sobre as múltiplas janelas que compõem o mundo vivido.

Essas práticas, reforçam a importância de uma docência comprometida com a leitura crítica das diversas realidades e com as transformações sociais, que o processo educativo é capaz de construir. A estagiária, situada entre o aprender e o ensinar, vivenciou a docência



como processo de autoconhecimento, como espaço de diálogo e de reconstrução da própria prática, reafirmando o sentido da formação inicial como práxis emancipatória.

A relevância empírica destas experiências se expressa na possibilidade de aplicação das metodologias em outros contextos formativos — sejais eles escolares, comunitários ou empresariais — desde que preservada a centralidade do diálogo e da escuta. Tais práticas demonstram que a formação docente crítica e sensível não se restringe ao espaço da sala de aula, mas se amplia para qualquer ambiente em que haja disposição para aprender com o outro e sobre o mundo.

Do ponto de vista científico e pedagógico, este relato contribui para o debate sobre a articulação entre educação formal e não formal, formação docente inicial e continuada, e sobre o papel da arte e da leitura como caminhos para a construção dos sentidos, que se dá na partilha de saberes. Ao evidenciar o valor das experiências sensíveis na formação, o trabalho aponta para a necessidade de novas pesquisas que investiguem como práticas integradoras podem fortalecer a formação ética, estética e política de educadoras e educadores.

Conclui-se que a docência, compreendida como prática humanizadora e libertadora, demanda um olhar atento à diversidade, ao território e às histórias de vida que atravessam o espaço educativo. Nessa perspectiva, experiências como as aqui relatadas demonstram que o

compromisso com a escuta e com o diálogo é o ponto de partida para uma educação transformadora, crítica e sensível.

Como enfatiza Gohn (2006), as práticas educativas que acontecem fora da escola — em movimentos sociais, espaços culturais ou ambientes de trabalho — são igualmente formativas, pois promovem aprendizagens que partem da experiência vivida e do diálogo com o outro. Reconhecer essas dimensões amplia a compreensão sobre a docência e reforça a importância de articular, na formação inicial, diferentes espaços e linguagens de ensino e aprendizagem.

## AGRADECIMENTOS

Agradece-se à direção, à professora regente e à turma do 2º ano do Centro de Educação Integral Professor Ulisses Falcão Vieira, pela acolhida, escuta e parceria durante o



desenvolvimento do projeto “Da minha janela eu vejo...”. Estendo o agradecimento às colaboradoras e aos colaboradores da empresa que participaram da vivência “Entre Lugares – o território que nos forma e transforma”, pela disponibilidade em dialogar e compartilhar suas experiências e percepções sobre o território.

Registra-se ainda, o reconhecimento às contribuições teóricas e metodológicas advindas da disciplina Metodologia do Ensino de Geografia e das reflexões compartilhadas com a professora responsável, cuja mediação foi essencial para o amadurecimento da proposta e para a articulação entre teoria e prática na formação docente.

## REFERÊNCIAS

**BRASIL. Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2017.

**BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

**BRASIL. Resolução CNE/CP nº 2, de 1º de julho de 2015.** Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior (cursos de licenciatura, cursos de

formação pedagógica e cursos de segunda licenciatura) e para a Formação Continuada. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2 jul. 2015.

**FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido.** 89º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024.

**GOHN, Maria da Glória. Educação não formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

**JÚNIOR, Otávio. Da minha janela.** São Paulo: Salamandra, 2019.

**STRAFORINI, Rafael.** O método Totalidade-Mundo no ensino de Geografia. In: STRAFORINI, Rafael et al. (org.). **Ensino de Geografia e pensamento crítico.** São Paulo: Livraria da Física, 2018. p. 93-112.